

CONSTRUÇÃO DA ORDEM TEMPORAL NA GÊNESE DA COMUNICAÇÃO NARRATIVA EM *MEUS VERDES ANOS*

MARIA LÚCIA DE SOUZA AGRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

RESUMO

Este texto apresenta um estudo sobre a construção do tempo durante o processo genético da comunicação narrativa no prototexto de Meus verdes anos, de José Lins do Rego. A análise dos procedimentos de construção estrutural do discurso mostra que, ao desvendar os movimentos escriturais, a crítica genética contribui com os trabalhos da teoria literária.

RÉSUMÉ

On présente en ce texte une étude à propos du temps pendant le procès génétique de la communication narrative à l'avant-texte de Meus verdes anos, de José Lins do Rego. L'analyse des procédés mis en place pour la constitution structurelle du discours relève la contribution de la génétique textuelle aux travaux de la théorie littéraire, en la démontrant les mouvements de l'écriture.

ABSTRACT

This work presents a study of the construction of time during the genetic process of narrative communication in the prototext of José Lins do Rego's Meus verdes anos (My green years). The analysis of the construction of the discourse structure shows that genetic criticism, by unraveling the writing process, has a great contribution to make in the field of literary theory.

analizando os movimentos empreendidos pelo protonarrador no sentido de estabelecer uma comunicação com seu destinatário, podemos observar seu empenho no processo de organização temporal, entre os vários aspectos por ele trabalhados. Nesse processo, o protonarrador desenvolve estratégias, manipulando a distância existente entre o presente da narração e o passado da história, a frequência com que os fatos ocorreram no passado, além de outros movimentos de organização temporal, que levam o protonarratário a uma compreensão dos fatos, pela possibilidade de recebê-los de modo gradual.

O protonarrador inicia seu trabalho de orientação da construção da narrativa, reconstituindo, em ordem cronológica, as mortes que marcaram diretamente a infância do protagonista. Começa narrando o que foi contado sobre a morte da mãe, mas assumindo, como sua a narrativa intermediária, “que se trata da narrativa de episódios que, estando fora da perspectiva do enunciado, só chegariam até este através de um intermediário, mas é incorporada pelo protagonista da comunicação como sua” (GENETTE, s.d.: 240). A recordação propriamente dita tem início com a narração da morte de um primo do protagonista chamado Gilberto. É a partir desse ponto que podemos observar os movimentos empreendidos pelo protonarrador:

O mundo da infância penetra em névoas espessas até que outra vez me sinto deitado na cama com o primo

Gilberto, Ele estendido de olhos fechados, imóvel como se estivesse num sono profundo. Escuto um grito na porta: “O menino está na cama com Gilberto”. Arrastam-me de [quatro] <quatro> e logo em seguida aparece-me o meu avô na sala de visita com o velho Lula de [Holanda] <Holanda>. [Está] <Estava> o meu avô de cabeça baixa, com os olhos quasi cerrados e a voz do velho Lula bem explicada se dirigia ao amigo. Não me lembro do que ele dizia. O meu primo Gilberto que fora criado pelo meu avô, tinha morrido de uma dor.

(Pt., f. 1)

Analisando esse trecho, percebemos que o protonarrador começa sua orientação assumindo uma posição de ulterioridade em relação aos fatos e ao protagonista que os viveu, narrando no presente do discurso, quando diz: *O mundo da infância penetra em névoas espessas [...]*. A partir daí, continua a exercer sua função narrativa no presente do discurso, porém, referindo-se aos fatos passados, que dizem respeito ao protagonista, como em: *me sinto deitado, escuto um grito, arrastam-me, aparece-me o meu avô*; e até na elipse do verbo auxiliar em *Ele estendido de olhos fechados*. Dessa forma, temos a fusão dos dois “eus” da narrativa: o “eu” do discurso que narra, e o “eu” da história, que é narrado. É após este momento de fusão que encontramos o protonarrador dando relevo a sua função de regente, no trecho:

[Está] <Estava> o meu avô de cabeça baixa, os olhos quasi cerrados e a voz do velho Lula bem explicada se dirigia ao amigo.

(Pt., f. 1)

O protonarrador, inicialmente, orienta seu discurso dando continuidade à fusão que vinha mantendo com o momento da história proferindo *está*. Então, substitui o verbo no presente

pelo mesmo verbo no pretérito imperfeito, *estava*, levando, assim, a uma ruptura da fusão anterior e passando a narrar os fatos no passado.

Orientando, dessa maneira, sua narrativa, o protonarrador introduz o seu destinatário, o protonarratário, nos acontecimentos do passado de forma gradual: partindo do presente do discurso, passando pela fusão discurso/história e, finalmente, chegando ao passado. A transposição para a última etapa da gradação temporal permite a entrada do protonarratário no passado da história sem a quebra da seqüência temporal proposta pelo protonarrador, uma vez que este substitui o tempo verbal no momento em que iria discorrer sobre outra personagem, e não sobre o protagonista.

Mais adiante o protonarrador recorre a uma analepse, “todo movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação” (REIS, 1988: 230), para explicar a procedência de Gilberto e o que este significa para o avô do protagonista, como podemos ver no trecho a seguir:

Deus para mim não tinha barbas brancas mas a cara raspada de Gilberto. O meu avô queria que ele fosse o homem da família. Não tendo filhos criava um sucessor, filho de sua irmã morta, mal-casada. Era o sobrinho a sua esperança, Dera-<lhe> tudo, mandara aos estudos, e [quan] <ainda> rapaz morrera num instante.
(Pt. , f. 2)

O protonarrador faz uma analepse completa, e para ligá-la ao presente da narrativa usa a conjunção subordinativa temporal *quando*, que significa “no tempo de, ou no momento em que”. Este termo, apesar de unir os dois momentos da narrativa em uma seqüência, por estar junto à conjunção *e*, lança o segundo momento, que é o presente da narrativa, para o futuro em relação à analepse, deixando, assim, uma elipse entre os dois. Então, rasura o termo *quando* e substitui por *ainda*, conjunção

subordinativa concessiva, que significa “embora, apesar de”. Desta forma, os dois períodos se unem por uma elisão de ligação, pois o protonarrador “finge ignorar que o ponto da história em que a analepse termina já tinha sido atingido pela narrativa” (GENETTE, s.d.: 64).

A primeira situação teria dado, ao protonarratário, a leitura de um intervalo de tempo longo entre os dois momentos: quando o avô do protagonista mandara o sobrinho Gilberto aos estudos e quando Gilberto morrera. Com a substituição, os dois momentos se unem, dando, a este destinatário, a leitura de uma continuidade, isto é, que vai da retrospecção para o presente narrativo sem elipse temporal. Daí termos um protonarratário que não se submete à narrativa construída pelo protonarrador, mas que questiona o distanciamento temporal entre os dois momentos, levando este último a uma reavaliação e substituição.

Contudo, continuidade não é um aspecto, apenas, indicativo da relação entre dois momentos expressos. Podemos observar a construção da continuidade do ponto de vista de um prolongamento do momento narrativo, no tempo. É nesse último sentido que o protonarrador expressa, através de seus movimentos de construção, a impressão deixada pela representação da via-sacra, no protagonista, quando narra:

A cara do homem [ensangüentado] <ensanguentado>
e os gritos da mãe agoniada me ficaram <para sempre>
Não sa[ir]iam da minha cabeça.
(Pt., f. 4)

O protonarrador narra a sensação que o episódio provocou no protagonista, concluindo-a, ou melhor, estacionando-a no presente da narrativa, com o uso do pretérito perfeito no verbo *ficar*, todavia, com o acréscimo da expressão *para sempre*, o tempo verbal perde seu caráter conclusivo e adquire um aspecto

durativo. Continuando, o protonarrador procura confirmar a informação anterior no trecho: *Não sairiam da minha cabeça*. Contudo, ao colocar o verbo no futuro do pretérito, *sairiam*, o segmento é lançado para o futuro em relação ao presente narrativo, causando, assim, uma prolepse, “movimento de antecipação, pelo discurso, de eventos cuja ocorrência, na história, é posterior ao presente da ação” (REIS, 1988: 283), que isola o sentido deste segmento, com relação ao anterior, pois provoca uma ruptura. Com a substituição do tempo verbal, através de uma rasura interior, para o pretérito imperfeito, o protonarrador confirma o segmento anterior, expressando um prolongamento temporal que parte do presente da narrativa em direção ao futuro, sem atingir o presente do discurso, isto é, permanecendo no passado em relação ao discurso, pois, estando o verbo no passado, causa a delimitação da expressão *para sempre*, impedindo-a de transpor os limites da narrativa.

Sem o acréscimo e a substituição, o protonarratário receberia a narrativa como uma prolepse, isto é, a ação estaria concluída no presente da narrativa, mas voltaria a ser mencionada no futuro. Portanto, seria feita a leitura de uma conclusão provisória. Com o acréscimo e a substituição, ocorre uma transformação de ordem temporal, de forma que não haverá a leitura de uma conclusão, mas a de uma distensão, que partirá do presente da narrativa em direção ao futuro. Nesse caso, o protonarratário perceberá a distensão do momento narrativo, que se concluíra antes de atingir o tempo do discurso. Mas esta conclusão configura-se de forma implícita e indeterminada, pois se trata de um prolongamento do momento narrativo, de extensão indefinida.

No processo de ordenação temporal, empreendido pelo protonarrador de *Meus verdes anos*, esse aspecto de continuidade do momento narrativo não é construído, apenas, por prolongamento de extensão definida ou indefinida, mas, também, por um prolongamento interativo, que ocorre na estruturação do discurso iterativo, o que é, segundo Todorov (1973: 59), “o

fato de evocar, por um único discurso, acontecimentos que se repetem”. Essa situação pode ser observada no trecho em que o protonarrador está reconstituindo o despertar do protagonista com relação ao sexo:

Começa[r]va o meu sexo a desabrochar por aqueles recantos. Víamos, ali no curral, [de] a impetuosidade dos touros, <por> a cima das vacas. A vara vermelha dos bichos a procura de se contentar. Então, vai me chegando à memória, à proporção que escrevo, a conversa dos trabalhadores que vinham do Crumataú para os trabalhos dos engenhos. [Falava-se] <Falavam> de mulheres. [E vi-os] <via-os> quasi nus, no sobradinho do engenho, de brincadeira uns com outros, com os gestos dos touros, de pernas abertas, de membros em riste, no deboche, às gargalhadas. Na casa dos carros [começam] <começaram> a florir as [mnh] <minhas> entranhas.
(Pt., f. 17)

O protonarrador começa esse trecho narrando um acontecimento concluído num passado remoto, pois. É assim que o verbo no pretérito mais-que-perfeito expressa a ação em: *começara o meu sexo a desabrochar [...]*, porém, a substituição que transformou em: *começava o meu sexo a desabrochar [...]*, colocando o verbo no pretérito imperfeito, dá à narrativa um aspecto durativo que se distenderá até o momento do florescimento sexual. Assim, observamos uma continuidade de extensão definida. Neste momento final, *[...] [começam] <começaram> a florir as [mnh] <minhas> entranhas*, o protonarrador, que havia narrado no presente com intenção de passado, substitui para o pretérito perfeito, evitando comprometer a leitura e contribuindo para a construção dos aspectos uno e finalizador que a narrativa exige.

Entre a narração dos dois momentos observados, o protonarrador reconstitui dois fatos que ocorreram em simultaneidade

com o primeiro, o despertar do protagonista. O primeiro desses fatos é a observação do acasalamento entre os animais do engenho, pelo protagonista. Essa observação não é narrada como um ato prolongado no tempo, mas como uma repetição desse ato através da utilização do verbo no pretérito imperfeito, *víamos*, com valor iterativo. A narração desse fato provoca, no protagonista, a recordação das conversas e dos gestos empreendidos pelos homens que trabalhavam no engenho, o que o leva a discorrer sobre isso. Primeiro, narra *falava-se*, o que, mesmo tendo valor iterativo, marca a indeterminação do sujeito, já mencionado anteriormente em [...] *a conversa dos trabalhadores que [...]*, provocando uma ruptura com o período discursivo; por isso, o protonarrador substitui por *falavam de mulheres*, que liga o momento da narrativa ao discurso, permanecendo o aspecto iterativo do primeiro. Depois, falando sobre o fato de o protagonista ter visto os homens fazendo gestos denotativos de coito, o protonarrador diz: *vi-os quase nus [...]*, fazendo, assim, uma narração singulativa, isto é, “evocando, num discurso, um acontecimento único” (TODOROV, 1973: 59), então, substitui o tempo verbal, dizendo: *via-os quase nus [...]*, tornando seu discurso iterativo, pois esse discurso único passará a narrar acontecimentos que se repetem, isto é, o protonarrador não narra, apenas, a observação do protagonista em um só momento, mas narra esse ato do protagonista repetindo-se várias vezes.

Se o protonarrador desenvolvesse seu discurso, nesse trecho, partindo de uma situação concluída, estaria transformando a ação narrada em unidade, não admitindo, assim, uma seqüência iterativa, pois não haveria harmonia cronológica, o que seria logo questionado pelo destinatário a quem se dirigisse. Por isso, constrói seu discurso partindo de uma situação durativa, de forma que a ação do protagonista corresponda, cronologicamente, à seqüência de acontecimentos repetitivos, justificando, assim, o discurso final conclusivo. Com isso, podemos afirmar que o protonarratário perceberá, no trabalho de

construção de protonarrador, a formação de uma relação de causalidade, uma vez que este desenvolve uma seqüência de fatos repetitivos que deverão justificar o núcleo do discurso. Está sendo construída, portanto, uma seqüência lógica, em simultaneidade com a temporal, pelo protonarrador.

Vimos, até aqui, que o protonarrador de *Meus verdes anos* constrói o seu discurso narrando as ações do protagonista e dos demais personagens como contínuas, seja essa continuidade expressa por um prolongamento da duração ou por um aumento da freqüência. Todavia, o protonarrador procura construir seu discurso de modo a situar o protonarratário numa ordem temporal coerente, estabelecendo uma continuidade entre os acontecimentos tratados pelo discurso, como em:

E vinha chegando a noite, e as portas se fechavam por causa dos mosquitos, enquanto a negra Pia acendia os candieiros de mangas bo[ch]judas. A ceia [veio] <viria> mais tarde.

(Pt., f. 63)

O protonarrador está narrando o anoitecer no engenho, então, diz: *A ceia veio [...]*. Com o uso do verbo no pretérito perfeito, o protonarrador só poderia desenvolver sua narrativa de duas maneiras: 1) omitindo o período entre o anoitecer e o momento da ceia, uma vez que este último momento estava começando a ser narrado, construindo, assim, uma narrativa elíptica, isto é, “deixando omissos um intervalo de tempo, entre dois momentos narrativos consecutivos” (T ODOROV, 1973: 58); 2) ou preenchendo de antemão uma anterior lacuna, isto é, fazendo uma prolepse completiva (G ENETTE, s.d.: 69), pois a ceia seria o marco finalizador, e, assim, o limite da narrativa primeira. Contudo, antes mesmo de continuar a frase, o protonarrador substitui o tempo verbal, colocando o verbo no futuro do pretérito, *à ceia viria mais tarde*. Dessa forma, o protonarrador está anunciando o que irá narrar posteriormente,

na seqüência da narrativa, pois o momento anunciado só começa a ser narrado no fólho 64.

À hora da ceia a velha Janoca já estava recolhida. E todos nós punhamos-nos à mesa para a <última> comida. [Chá] O chá era servido com bijou de coma, com inhame, queijo [de] feito pelo velho Amancio. O meu avô passava a contar as suas histórias.
(Pt., f. 64)

Assim, além de anúncio, a prolepse também serve de marco finalizador da narrativa primeira, que descreve as atividades da casa-grande, no fim do dia:

A velha Janoca punha-se a espirrar como se marcasse horas [...] a tia Maria passava a ler o romance, a tia Naninha escutava a leitura embevecida [...] O meu avô ouvia a conversa do feitor Chico Marinho [...].
(Pt., f. 63-4)

Esse mesmo processo de construção pode ser visto em outro momento da narrativa, quando o protonarrador vai narrar o episódio da chegada das primas expulsas do Engenho Novo, no corredor:

Traziam as moças escurraçadas do Engenho Novo, uma menina de cabelos pretos que [foi] <seria> a minha primeira paixão.
(Pt., f. 71)

O protonarrador, ao falar da paixão do protagonista pela menina de cabelos pretos, usa o verbo *ser* no pretérito perfeito, fazendo, assim, uma prolepse completiva, pois este verbo indica que o fato está concluído em matéria de narração, isto é, não será comentado posteriormente. Substituindo por *seria*, o protonarrador lança a narração do fato para o futuro, em

relação ao presente da narrativa, transformando-a, assim, em anúncio do momento a seguir:

Mas o meu coração começava a bater pelo amor. Era de fato amor aquela vontade de olhar sempre para a prima de cabelos pretos, e amor que se [exp] <exprimia> por uma espécie de ciúme que me atacava quando a via nos afafos com outros.

(Pt., f. 75)

Mas não se trata de uma prolepse limitativa, pois a narrativa desenvolvida entre o anúncio e o momento anunciado trata de acontecimentos diversos, como: as viagens de navio feitas pela prima e por Galdina, a vida de Galdina no período escravocrata, viagens de trem e o relacionamento entre os primos do Recife e o povo do Corredor.

Assim, o protonarratário vê-se diante de dois momentos em que o protonarrador hesita entre desenvolver ou não a narração de determinados fatos e, ao decidir-se pelo primeiro, discorre sobre eles, substituindo o tempo verbal de modo a construir uma seqüência temporal, arrumando o seu discurso.

O protonarrador, porém, não se movimenta apenas no sentido de reconstruir a seqüência dos fatos, pois, na intenção de declarar sua função narrativa, ele transforma o discurso no aspecto temporal, para substituir o nível narrativo, passando do tempo da história para o do discurso.

Na grande cheia do rio em 93 as águas bateram no [ileg*] <batente> da moradia. O meu avô chamava carpinas e pedreiros e levantaram a casa nova, [Para mim] com os olhos da infância sinto-a como <até hoje> me [parecia] <parece>. A sala de jantar de mesa comprida ladeada por duas bancas.

(Pt., f. 6)

Podemos observar que o protonarrador, antes de descrever a casa nova, muda de nível narrativo. Primeiramente, suprime a expressão *para mim*, que a leitura do protonarratário, uma vez que essa narrativa é feita em primeira pessoa, dando uma interpretação ambígua à expressão, pois tanto poderia estar se referindo ao protagonista como ao protonarrador. Substitui, então, por *como os olhos da infância*, que marca a presença do protonarrador, no tempo do discurso, identificando-se com o protagonista, no tempo da história, para descrever a casa-grande com verossimilhança. Esta substituição que transpõe os limites da história, mudando de nível, pode ser chamada de metalepse narrativa (GENETTE, s.d.: 235), e marca o início da pausa descritiva, no discurso, que não corresponderá a nenhum tempo da história.

Depois acrescenta a expressão *até hoje*, que é a união da preposição *até*, que expressa um prolongamento temporal, com o advérbio de tempo *hoje*, tempo do discurso. Desta forma, dá ênfase à ulteriores da descrição, ao mesmo tempo em que confirma a identificação do presente com o passado. Além disso, provoca uma modificação posterior no discurso, pois o verbo *parecer*, que estava no pretérito imperfeito, expressando prolongamento, já não é necessário, uma vez que o acréscimo expressa este aspecto. Por isso, o protonarrador o substitui pelo presente do indicativo, ficando o verbo *parecer* no tempo do discurso.

Com estas modificações, o protonarratário percebe a formação do discurso, através de uma substituição dialética do passado para o presente. Pois podemos ver que, ao substituir *para mim*, que conduziria a leitura para o tempo da história, por *com os olhos da infância*, que conduz a leitura a observar, no presente do discurso, aspectos do passado, teremos o passado do termo suprimido no termo permanente, ou melhor, a expressão que permanece se encontra no presente do discurso, trazendo em si o aspecto passado da expressão supri-

mida, no modo de construir a descrição, através dos *olhos da infância*. Outra substituição dialética que coopera com a leitura do protonarratário é a do verbo *parecia* pelo verbo *parece*, que nega o aspecto de prolongamento, deixando-o, ao mesmo tempo, expresso no termo novo, pois o acréscimo anterior, *até hoje*, traz até o verbo no presente, *parece*, o prolongamento que fora extinto com o verbo suprimido.

Desta forma, o protonarratário receberá no presente a descrição da casa-grande, conforme uma perspectiva do passado, confirmando, assim, o caráter puramente verbal do protonarrador e de seu objeto de construção, o narrador. Fica, assim, o caráter visual da narrativa pertencendo unicamente ao protagonista.

Outro motivo que leva o protonarrador a colocar novamente em processo seu discurso, com relação ao tempo, pode ser visto abaixo:

Uma vez dormindo [na] <por> debaixo de um juazeiro entrou-lhe pelo nariz uma varijeira e [pos] <puzera> ovos que quasi lhe roeram [os nariz] <ventas>. Tinha Massú o nariz arreado.

(Pt., f. 59)

Ao construir sua narrativa, usando o verbo *pôr* no pretérito perfeito, *pôs*, o protonarrador está colocando o fato no nível da história, tornando a narrativa seguinte apenas uma descrição do personagem *Massú*. Ao substituir o tempo verbal pelo pretérito mais-que-perfeito, *pureza*, transforma o sentido da narrativa, dando à expressão *Tinha Massú o nariz arreado* um caráter causalista, pois o fato de ter a *varijeira* posto ovos em seu nariz seria o motivo daquela descrição. Assim, o protonarratário terá a leitura, não de um fato isolado, mas da apresentação de um fato com raízes remotas que explicam a caracterização da personagem no nível da história.

O protonarrador, também, usa argumentos temporais para organizar o discurso, como no momento em que, depois de um problema de saúde que prendia o protagonista no interior da casa, a tia abriu a janela pela primeira vez:

Quando pela primeira vez a tia Maria [abriu] <abriu> as janelas, que davam para a gameleira, o mundo que eu via era bem outro. Foi [ass] <aí> que comecei a ver o céu, a ver que o céu azul era uma maravilha.
(Pt., f. 60)

O protonarrador constrói a primeira parte desse trecho, que vai até [...] *era bem outro*, partindo de uma situação temporal para concluir com uma modal, de aspecto generalizante. Na segunda parte, que é o momento da especificação do que o protonarrador chamou *o mundo*, este começa usando um advérbio de modo, o que quebrava o vínculo com a formação da primeira parte e redundaria com a continuação da segunda: *Foi assim que comecei a ver o céu, a ver que o céu azul era uma maravilha*. Então, o protonarrador substitui o termo *assim* pelo advérbio de lugar, que no contexto adquire conotação de tempo, *aí*, dando, assim, à segunda parte a mesma formação que a primeira.

Com isto, o protonarratário poderá fazer uma relação entre as duas partes do discurso, observando a *visão do céu* como a visão daquele mundo anteriormente anunciado, e, ao mesmo tempo, não mais verá o duplo uso da expressão *ver o céu* como uma repetição.

Outro uso de um argumento temporal para organizar o discurso também pode ser visto no momento do prototexto abaixo:

E já estávamos em janeiro e nada de anúncios de chuva no alto. Ficavam os moleques horas e horas a olhar de noite para os lados das cabeceiras do Parahiba. Lá uma

noite chegou Rivaldo [e disse] <para dizer> [n]a <quando> todos nós estávamos na mesa do chá: “[ileg*] <Tá> relampeando muito em baixo das barras”.
(Pt., f. (56) 47).

Analisando o ponto em que o protonarrador faz alterações, podemos observar que a conjunção, ao ligar as duas orações, dava aos verbos *chegar e dizer* um sentido de casualidade, quando narrado: [...] *chegou Rivaldo e disse [...]*. Então o protonarrador substituiu por *para dizer*, dando, assim, um sentido de finalidade à chegada do moleque. Contudo, ao continuar a narrativa usando, de imediato, a preposição combinada com artigo *na*, o protonarrador remete para a *mesa de chá*, o que significaria a presença de Rivaldo no convívio familiar. Por isso, ele faz um acréscimo temporal, [...] *quando todos nós estávamos [...]*, colocando a chegada de Rivaldo em situação posterior com relação ao início do chá, o que implica a não expectativa, por parte da família, da chegada do moleque.

Antes das alterações empreendidas pelo protonarrador, o protonarratário teria recebido a narrativa da ação de Rivaldo como casual. Mas, com as alterações, este destinatário da narrativa perceberá uma finalidade para a chegada do moleque, que será apenas a de avisar sobre a proximidade da chuva, sem implicações da convivência com os habitantes da casa-grande.

Assim, vemos que o acréscimo da expressão temporal tem um caráter ideológico, pois evita a proximidade entre o negro e os brancos, o dominado e o dominante. Porém, esse é um aspecto que será tratado no próximo item deste trabalho.

Analisando o prototexto de *Meus verdes anos*, percebemos, portanto, que José Lins do Rego preocupava-se sobremaneira com a questão temporal da narrativa, de modo a estar constantemente alterando os tempos verbais, substituindo advérbios e conjunções por aqueles que designassem uma condição temporal adequada. Essas transformações executadas pelo

autor assumiram, no âmbito da comunicação narrativa, a condição de criação da ordem (analepse e prolepse), da duração (pausa, elipse, cena e resumo) e da frequência (iterativa, repetitiva e singulativa) narrativas, que são analisadas na perspectiva do discurso do protonarrador. Desse modo, o protonarratário recebe uma condição temporal desejada e uma não-desejada pelo protonarrador, no momento em que este se corrige.

Assim, através da análise do prototexto, podem-se detectar os elementos discursivos em formação, o que, conseqüentemente, nos dirá, além da forma como a obra literária foi criada, como seus componentes foram estruturados para passar a informação desejada pelo protonarrador. Dessa forma, o estudo do texto em processo é o caminho a seguir para a elucidação do ser e do fazer literário, o que o torna um colaborador para o desenvolvimento e o ensino da teoria e da crítica literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, s.d. (Vega Universitária).
- REIS, C. et al. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos).
- TODOROV, T. *Estruturalismo e poética*. Trad. José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.